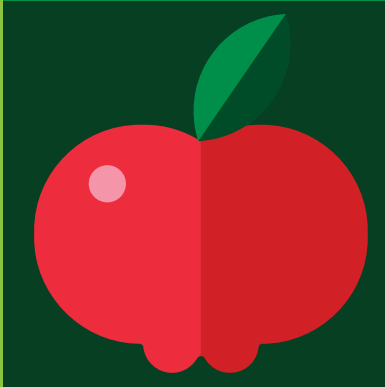
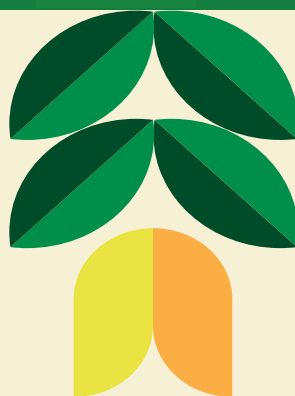
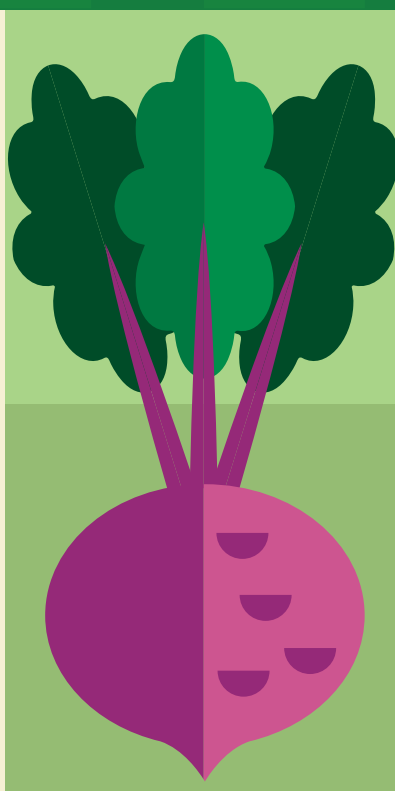
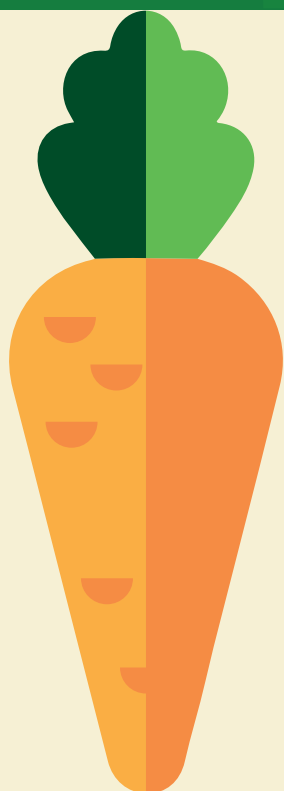


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

De um modo geral, o estado do tempo refletiu as condições típicas de outono na região centro, com atmosferas saturadas e variações térmicas em dias de céu limpo. A precipitação foi abundante ao longo do mês, com picos de intensidade entre os dias 12 e 14 associados à depressão Cláudia que atingiu todo o país, tendo sido benéfica para repor os níveis freáticos e aumentar a humidade nos solos agrícolas. As temperaturas baixaram na generalidade tendo ocorrido as primeiras geadas.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as condições meteorológicas condicionaram as mobilizações do solo para preparação das sementeiras e a realização dos trabalhos agrícolas da época, bem como restringiram o pastoreio dos animais, especialmente em zonas baixas onde as parcelas ainda se encontram inundadas. Foram registadas temperaturas médias máximas de 18,8 °C e mínimas de 9,4°C .

No Baixo Mondego, a depressão Cláudia trouxe chuvas muito intensas e ventos fortes, o que causou alguns alagamentos graves do solo em especial nas culturas de arroz. A precipitação máxima acumulada registada na EM de Coimbra foi de 302,6 mm. As condições meteorológicas provocaram o alagamento dos solos dificultando

as colheitas designadamente do arroz e milho, permitiram iniciar de forma muito residual as sementeiras dos cereais praganosos, a colheita de kiwi e de azeitona.

No Pinhal Litoral, verificou-se uma amplitude térmica mais acentuada com a temperatura mais elevada a registar 22°C e a mais baixa - 0,18°C. A humidade relativa manteve-se muito elevada ao longo do mês, com várias estações a atingir 100% de saturação. A humidade média variou entre 82% e 88%. A precipitação ocorreu em cerca de 20 dias, totalizando 275 mm. A precipitação ocorrida em regime torrencial provocou cheias no perímetro agrícola do Vale do Lis, decorrentes do excesso de água das zonas envolventes, que naturalmente drenam para as áreas mais baixas. Este excesso de água inundou os campos agrícolas deste perímetro hidroagrícola, gerando impactos que ainda não podemos quantificar, sendo possível avaliá-los apenas após a colheita do milho-grão e do arroz. Também se esperam impactos nas culturas forrageiras, uma vez que não houve condições para a sua sementeira.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês teve alguns períodos de precipitação, sobretudo na primeira quinzena. Registaram-se grandes acumulados no equador do mês, aquando da passagem da tempestade Cláudia, que trouxe igualmente períodos extremamente ventosos que aceleraram a queda da azeitona que ainda se



encontrava por apanhar. Na segunda quinzena registou-se apenas um dia de precipitação, na ordem dos 20 mm, sendo a exceção aos dias de sol. Relativamente às temperaturas, estas foram amenas até sensivelmente à última semana do mês. Neste período as máximas estiveram pouco acima dos 10.ºC, sendo que as mínimas andaram próximas de 0.ºC. Não sendo possível entrar com maquinaria nos terrenos (por se encontrarem pesados), os agricultores aproveitaram para podar e realizar a queima de sobrantes. Perspectivam-se sementeiras de forragens para o início de dezembro. A maioria das culturas está nesta fase em repouso invernal, havendo pontualmente algum agricultor ainda dedicado à apanha de azeitona, castanha ou medronho. Na família dos citrinos, algumas variedades já vão atingindo a sua maturação final, nomeadamente a tangerina e a clementina. A campanha da azeitona pautou-se pela grande quantidade de fruto face ao ano anterior, ao que se associou uma boa qualidade do fruto à entrada para o lagar. A campanha da castanha teve quantidade de fruto, mas com aspectos negativos, nomeadamente o calibre que foi inferior à média, assim como, a presença da doença da podridão-castanha.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o mês de novembro foi até dia 9, quente para a época. Nos restantes dias as temperaturas desceram drasticamente, e a precipitação abundante, mas espaçada. A temperatura mínima média andou pelos 7,9.ºC, e a média das máximas, pelos 15,7.ºC; choveram cerca de 195 mm em 13 dias. A colheita de azeitona tem sido realizada nos dias secos estimando que na Beira Serra esteja cerca de 90% colhida, e no Alto Mondego cerca de 50%.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, registaram-se temperaturas médias baixas, elevada humidade relativa e precipitação frequente que condicionou as mobilizações do solo para preparação das sementeiras dos cereais de outono/inverno, sementeiras e em alguns locais as colheitas que ainda estavam por completar. A combinação de humidade elevada e temperaturas moderadas favorece a incidência de doenças fúngicas, exigindo monitorização fitossanitária reforçada.

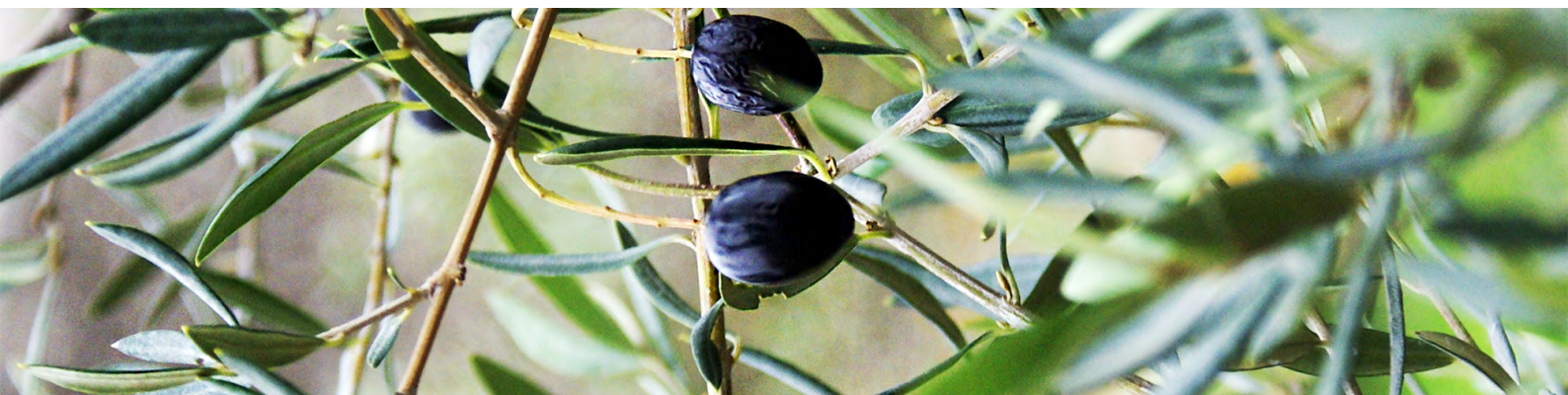
No Pinhal Sul, as temperaturas médias mínimas registaram-se entre 8,44.ºC e os 6,11.ºC., inferiores às ocorridas no mesmo período do ano anterior. Novembro foi chuvoso e a precipitação foi distribuída ao longo do mês, contribuindo para uma boa disponibilidade de água no solo. Os valores da precipitação foram valores muito acima dos registados em novembro de 2024. Estas condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo das pastagens naturais e semeadas.

Nas **zonas do interior**, as temperaturas médias foram inferiores às registadas em igual período de 2024. Por outro lado, os valores de precipitação foram superiores em 2025. O estado do tempo condicionou o desenvolvimento das culturas, devido às baixas temperaturas e ocorrência de precipitação abundante.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira as condições meteorológicas condicionaram a preparação dos solos para as culturas outono-inverniais, quer forrageiras quer cerealíferas. Em termos de humidade presente no solo, veio fomentar a germinação quer das culturas semeadas, quer dos prados e pastagens permanentes. No entanto, as temperaturas mais

baixas e o teor de água nos solos originaram atrasos significativos nas germinações das sementeiras mais tardias e no desenvolvimento generalizado das culturas cerealíferas, forrageiras e pratenses. Também veio atrasar o ciclo vegetativo normal das pratenses que constituem os prados, temporários ou permanentes de sequeiro, condicionando assim a alimentação animal e o seu manejo. A precipitação ocorrida, embora que tardiamente para a maioria dos olivais, ainda beneficiou o aumento de calibre da azeitona, principalmente nos olivais com variedades com maturação mais tardia.

Na Campina e Campo Albicastrense, o presente mês foi mais frio e também mais chuvoso do que novembro do ano anterior. De facto, as temperaturas máximas e mínimas foram mais baixas comparativamente a igual período do ano anterior e a precipitação foi substancial maior. O tempo chuvoso interrompeu a realização das sementeiras de outono/inverno, tendo as mesmas sido retomadas na segunda quinzena do mês. A colheita da azeitona foi condicionada pelos dias chuvosos e o frio e a chuva impediram prolongar a colheita da azeitona de mesa. A distribuição das chuvas na actual estação (chuvas mais concentradas em



novembro do que em outubro, situação que foi contrária à verificada no ano anterior), aliada às temperaturas mais baixas do presente mês, originou menor crescimento das pastagens e forragens comparativamente a igual período do ano anterior.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de novembro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de novembro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, dado que muitas culturas iniciaram o repouso vegetativo. No entanto, destacam-se os seguintes casos:

- No Baixo Mondego (**zonas do litoral**), a azeitona apresentou-se atacada pela mosca-da-zeitona e gafa, mas, sem prejuízos significativos.
- No Pinhal (**zonas de transição**), os tratamentos estão parados nesta fase. Será pertinente o tratamento das nespereiras assim que termine



a fase de vingamento. Nos citrinos já não se recomendam tratamentos pela proximidade do momento da colheita. Verifica-se imensa fruta caída, identificando-se na epiderme, picada de mosca-da-fruta. No rescaldo da campanha da azeitona, o fruto não foi muito atacado pela mosca-da-azeitona ou pela gafa. Até à chegada da tempestade Cláudia, foi sendo possível colher fruto são, mesmo em olivais não tratados, que são a maioria nesta zona. Na castanha, foi reportada a presença da podridão castanha, situação que já ocorreu em anos anteriores.

- Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra (**zonas de transição**), a mosca-da-azeitona causou prejuízo nos olivais não tratados, fazendo cair frutos e prejudicando a qualidade do azeite, e baixando muito o aproveitamento para azeitona de mesa. No entanto, nos olivais onde se realizaram os tratamentos preconizados, a azeitona é de qualidade e não caiu extemporaneamente.

- No Pinhal Sul (**zonas de transição**), registou-se alguma gafa nos olivais.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climáticas verificadas durante o mês foram permitindo que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas.

Não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de novembro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Citrinos –míldio ou aguado, medidas culturais.

Olival – gafa (*Colletotrichum* spp.), e ronha ou tuberculose (*Pseudomonas savastanoi* pv. *savastanoi*).

Pomóideas – fogo-bacteriano (*Erwinia amylovora*), cancro-europeu da macieira.

Prunóideas – cancro bacteriano (*Pseudomonas syringae*), crivado, lepra, moniliose.

Fruteiras – tratamento de outono.

Culturas perenes – manutenção dos solos/enrelvamentos.

3-Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

No **Pinhal Litoral**, o tempo húmido tem favorecido o desenvolvimento dos prados e pastagens, contribuindo para uma boa disponibilidade de alimento verde e beneficiando o pastoreio. De um modo geral, considera-se que a contribuição

de matéria verde para a alimentação animal é semelhante à verificada no mesmo período do ano anterior. Relativamente ao milho destinado a silagem, a colheita ainda não se encontra concluída devido à forte precipitação ocorrida nas últimas semanas, que dificultou o acesso aos campos e o avanço dos trabalhos. A avaliação final da produção só poderá ser realizada após o término da colheita.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os terrenos com sementeiras plurianuais ou com povoamentos espontâneos, já estão a responder bem à precipitação que vem ocorrendo tendo já iniciado o novo ciclo cultural com a fase de emergência. É bem visível a tonalidade verde nos terrenos destinados a pastoreio ou a forragem, com boa produção de matéria verde até ao momento. Quanto às novas sementeiras, alguns agricultores efectuaram logo em outubro após a ocorrência das primeiras chuvas, com grande sucesso no nascimento e com as plantas a desenvolver bem. Mas, a maioria não quis correr risco de haver um longo período de seca após ser lançada a semente à terra. Nesse sentido, caso os terrenos assim o permitam, em dezembro a maioria dos agricultores avançarão para as sementeiras de inverno.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as pastagens temporárias foram finalmente semeadas até ao final da primeira semana do mês e verificou-se um ligeiro aumento das áreas em ambas as zonas. Os pastos tiveram um bom crescimento permitindo já o pastoreio sem limitações. O consumo de feno e de rações industriais é agora semelhante ao do ano passado.

No Alto Baixo Dão-Lafões as condições meteorológicas e hidrológicas têm beneficiado o desenvolvimento vegetativo de algumas culturas anuais e das pastagens e forragens. As pastagens de sequeiro apresentam um crescimento visível, mas ainda limitado. As forragens anuais encontram-se sobretudo em fases iniciais de desenvolvimento, dependendo da distribuição da chuva, da temperatura e da ocorrência de geadas.

No Pinhal Sul, a precipitação ocorrida durante o mês foi favorável ao desenvolvimento dos prados e pastagens naturais que apresentam já algum desenvolvimento vegetativo. Os rebanhos já vão pastoreando, mas continuam a ser suplementados com palhas, fenos, canas de milho e rações.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, estas culturas apresentam agora um bom estado vegetativo, devido à chuva verificada, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Havia grandes problemas para alimentar o efectivo, principalmente nas zonas dos incêndios, onde a situação era mais grave, pois havia aldeias onde foram queimadas 100% das forragens permanentes, nomeadamente lameiros e pastagens pobres e mesmo até forragens que já estavam colhidas e armazenadas para alimentação do efectivo durante o ano, tendo que se recorrer a rações e palhas vindas de outras regiões.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro beneficiaram com as primeiras chuvas, assim como, as culturas forrageiras e pratenses temporárias de sequeiro, semeadas mais cedo.

Por outro lado, as instaladas mais tarde depararam-se com temperaturas mais baixas quer do solo quer do ar, atrasando a germinação e desenvolvimento. Este mês houve também uma maior utilização generalizada de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, cerca de 40%-50% a mais relativamente ao mesmo período do ano transacto. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção de massa verde é menor comparativamente a igual período do ano anterior, condicionada sobretudo pela distribuição da precipitação deste outono, tornando-se necessário suplementar com forragens conservadas e rações a dieta alimentar das diferentes espécies pecuárias.

4-a – Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado.

Nas **zonas do litoral**, e no Baixo Vouga, as sementeiras dos cereais praganosos decorrem nos meses de janeiro e de fevereiro.

No Baixo Mondego, as sementeiras dos cereais praganosos iniciaram-se de forma muito residual, devido às condições meteorológicas que dificultaram a entrada de máquinas agrícolas nos terrenos devido ao alagamento dos solos.

No Pinhal Litoral, a maioria das sementeiras ainda não foi efectuada devido ao encharcamento dos solos, que não apresentam condições para a entrada dos equipamentos necessários à sua realização.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a permanência dos ataques de espécies cinegéticas reflectem-se na diminuição de áreas semeadas, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as lavouras e sementeiras de outono-inverno estão finalmente concluídas. Não se verificaram alterações da área semeada.

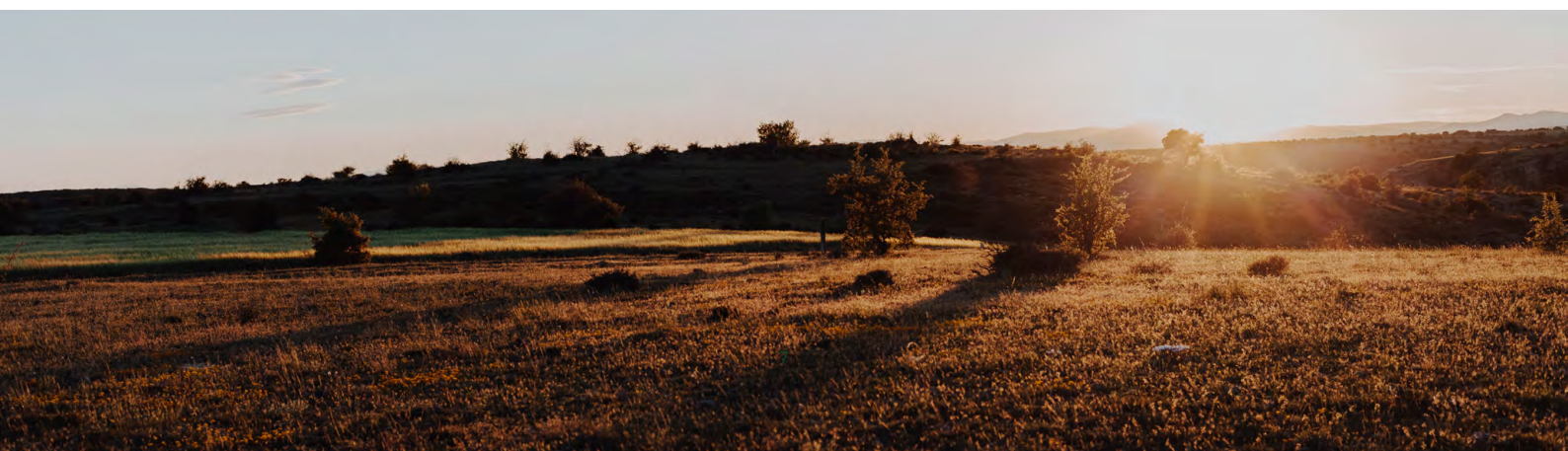
Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas e hidrológicas condicionaram as mobilizações do solo em alguns locais e consequente preparação das sementeiras, nomeadamente dos cereais praganosos, devido ao excesso de humidade no solo. A precipitação ocorrida, conduziu a um excesso de água no solo, em algumas zonas, impedindo a entrada de máquinas agrícolas e consequentemente verificou-se atraso nas sementeiras dos cereais, o que impediu que a sua germinação fosse homogénea. A área semeada manteve-se semelhante face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, as sementeiras decorrem a bom ritmo. A germinação foi boa e apresentam um bom desenvolvimento vegetativo.

Nas **zonas de interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, as lavouras e sementeiras decorreram normalmente. Estima-se que as áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, regista-se um atraso generalizado nas sementeiras de cereais praganosos, em virtude do mês de outubro ter sido seco. As primeiras sementeiras neste mês deram origem a boas germinações e desenvolvimentos vegetativos. As restantes foram afectadas na sua rapidez de germinação e desenvolvimento pela precipitação ocorrida e temperaturas baixas, verificando-se casos de encharcamentos pontuais nas zonas mais baixas e de difícil drenagem.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, a precipitação do mês interrompeu as sementeiras que estavam em curso, tendo as mesmas sido retomadas após o período de chuva ter terminado. Estimam-se áreas semelhantes ao ano anterior.



5-a – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente pomares de kiwis e frutos secos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A maioria das espécies arbóreas e arbustivas, terminou o seu ciclo vegetativo, tendo já terminado a fase de produção, e estando a entrar na fase de dormência invernal, contudo, a seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para algumas culturas.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, a colheita dos frutos secos encontra-se na fase final. A qualidade aparenta ser boa; quanto às quantidades, será necessário aguardar pelo fim da campanha para se realizar uma avaliação definitiva.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na castanha, não sendo um mau ano também não pode ser considerado um ano acima da média, já que os calibres foram tendencialmente baixos (muito comum, ouriços com três castanhas pequenas) e, em termos fitossanitários ocorreram diversas doenças e pragas que afetaram parte da produção, de que se destacam a podridão-castanha e o bichado-da-castanha. O escoamento da produção foi total, sendo a procura superior à oferta, sobretudo pelo facto de a castanha nesta zona atingir a sua maturação algumas semanas antes da castanha produzida mais a norte.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros dos soutos tradicionais, produziram muita castanha, mas com calibre muito pequeno. Já os novos soutos de cultivares recentes exibiram boa produção, em quantidade e calibre.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, o calor do verão prejudicou o vingamento dos frutos, no entanto, a diminuição das temperaturas e a precipitação ocorrida, acabaram por beneficiar o seu desenvolvimento vegetativo. Em relação à castanha, a precipitação ocorrida na segunda quinzena de outubro contribuiu para o desenvolvimento vegetativo dos ouriços, favorecendo o aumento do calibre das castanhas. A previsão é de boa qualidade, mas a produção vai ter uma diminuição de cerca de 5% em relação ao ano passado, no Alto Dão Lafões. De referir o prejuízo causado pelos incêndios na região de Aguiar da Beira (Alto Dão-Lafões) num total de 50 ha (cerca de 10 ha eram soitos novos). Quanto à avelã, prevê-se qualidade e produtividade semelhante à do ano anterior, sendo considerado 2024 o pior ano da última década.

No Pinhal Sul, este ano houve muita castanha, cerca de 25% a mais em relação ao ano passado, e a maioria tinha boa qualidade. Devido à falta de chuva durante o ciclo vegetativo, o calibre foi muito baixo nalgumas variedades de castanha. Os javalis continuam a consumir parte da produção.





Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, na amêndoa a quantidade colhida aumentou relativamente ao ano anterior, no entanto, a produtividade está num nível idêntico porque houve aumento de área (novas plantações).

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, na castanha, regista-se uma quebra de produção de cerca de 30%, a qualidade é fraca. Os incêndios destruíram grandes áreas de soutos e árvores dispersas.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pomares de avelãs, ainda muito jovens, já têm uma área expressiva e apresentam ainda pequenas produções, com exceção de um com cerca de 30 anos. Em relação as amendoeiras, mais presentes na Cova da Beira, a quebra de produtividade, em termos gerais, foi superior ao que estava previsto, na ordem dos 50%, em relação ao ano transato, e de 25% na Serra da Estrela. Os castanheiros foram fortemente atingidos pelos incêndios ocorridos em agosto passado, principalmente na Serra da Estrela, dando origem a quebras da produção regional. Tal como referido no relatório anterior a castanha cuja campanha já terminou, teve produções inferiores nos calibres maiores devido à falta de chuva ao longo do seu desenvolvimento, estimando-se uma quebra na produtividade de cerca de 10% a 20%, na Serra da Estrela e na Cova da Beira, respetivamente e em relação ao ano anterior.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas de transição**, No Pinhal Sul, a maioria do limão ainda não está maduro. A produção parece ser igual ao ano anterior.

No Pinhal, os citrinos encontram-se numa fase adiantada do seu ciclo, sendo que algumas variedades já vão atingindo a sua maturação final, caso da tangerina e da clementina. Nota para a grande quantidade de fruto caído precocemente, facto reportado por agricultores em diferentes áreas desta zona. Temperaturas amenas até tarde poderão justificar maior impacto da mosca-do-mediterrâneo nesta família de frutos.

• Pomares de Kiwis

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita do kiwi amarelo já terminou com dados positivos em relação à área, resultado de novos pomares instalados na zona de Oliveira do Bairro. Contudo, no kiwi verde a colheita ainda não terminou em alguns pomares da região e espera-se maior produção comparativamente ao ano passado (ano de grande quebra de produção), no entanto, não será atingida a produção de 2023, devido à falta de horas de frio durante o repouso vegetativo.

No Baixo Mondego, a colheita do kiwi decorreu ao longo do mês. O fruto apresentou boa qualidade e calibre e também boas produções em relação ao ano passado.

No Pinhal Litoral, a colheita do kiwi encontra-se na fase final. A qualidade dos frutos aparenta ser boa; quanto às quantidades, será necessário aguardar pelo fim da campanha.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os frutos exibem bons calibres, estando ainda atrasado o início da colheita. A produtividade aumentou na Beira Serra por entrada em produção de pomares jovens, no Alto Mondego a produtividade manteve-se.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os kiwis estão na fase de colheita, a qualidade é boa e os frutos apresentam bom calibre à exceção dos locais onde a rega foi insuficiente. A produção é idêntica ao ano anterior.

No Pinhal Sul, nos kiwis, a produção baixou, porque caiu uma grande quantidade de granizo que destruiu cerca de 60% da produção na fase de jovens frutos, num pomar localizado na zona de Cernache do Bonjardim, estimando-se uma quebra de 30% em relação à campanha de 2024.

Nas zonas do interior, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pomares de kiwis, ainda se encontram numa fase de desenvolvimento. A produção foi regular face à idade e de boa qualidade.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita da azeitona está terminada. A produção foi idêntica à da última campanha, mas de melhor qualidade. O rendimento superou em relação ao último ano, com valores entre 13 a 15%.

No Baixo Mondego a colheita de azeitona está praticamente concluída. A azeitona foi de boa qualidade e apresentou maior quantidade. O azeite produzido também é de boa qualidade. A funda está na ordem dos 13%.

No Pinhal Litoral, a colheita da azeitona, tanto para consumo em mesa como para produção de azeite, encontra-se na fase final. A qualidade dos produtos aparenta ser boa; quanto às quantidades, será necessário aguardar pelo término da campanha para se realizar uma avaliação definitiva.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona já terminou, tendo sido bastante positiva. Ao contrário do ano anterior, a quantidade de azeitona foi grande, não só em olivais cuidados, como também em olivais pouco zelados. A apanha começou no início de outubro, quando o fruto ainda estava verde, sendo a funda pouco rentável. A apanha precoce por parte de alguns agricultores teve como principal razão, o receio de que o fruto (não tratado) caísse antes de estar maduro. Com o decorrer das semanas, a maturação da azeitona foi-se aproximando do seu estado ideal, resultando em fundas mais generosas. Os períodos de precipitação que ocorreram foram afetando quer a quantidade quer a qualidade do fruto. As fundas após as chuvas baixaram, mas, em geral, obteve-se sempre azeite com baixa acidez. Dada a grande quantidade de azeitona nas árvores, praticamente todos os agricultores com algum olival, efetuaram colheita para autoconsumo. Comercialmente, pela grande quantidade de azeite produzido na zona, o valor do litro de azeite para venda (quer nos lagares quer no particular) tendeu a baixar.



Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a azeitona, tradicionalmente de azeite, teve uma produtividade muito heterogénea, ligeiramente inferior à do ano passado, a qualidade da azeitona melhorou, porque mais produtores realizaram os tratamentos necessários porque o preço do azeite recompensa os custos.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a colheita da azeitona está praticamente concluída. A azeitona entregue nos lagares apresenta boa qualidade. No geral, prevê-se um aumento de produtividade de azeitona para azeite face ao ano anterior, tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões de cerca de 30% e 15% respetivamente e uma funda, a variar entre os 7,5 e os 12 kg/l.

No Pinhal Sul, a colheita da azeitona está a decorrer. A produção é superior ao ano anterior (50%). A qualidade é boa.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a colheita da azeitona para conserva está concluída e a destinada a azeite está praticamente terminada. Estima-se uma diminuição da produtividade para os dois tipos de azeitona, relativamente ao ano anterior, de cerca de 15% e de 10% na Serra da Estrela e na Cova da Beira, respetivamente. Relativamente à azeitona para azeite, a qualidade tem sido superior à do ano transato e o rendimento em azeite tem sido em média cerca de 10 kg de azeitona/1 L de azeite na Serra da Estrela e 8,5 kg de azeitona/1 L de azeite na Cova da Beira. A qualidade do azeite é boa.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, continua a colheita da azeitona, prevendo-se um bom ano em termos de qualidade, apesar de se esperar uma quebra em quantidade em relação ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, a colheita da azeitona de mesa está concluída, a de azeite ainda decorre. Constata-se heterogeneidade da produção entre oliveais, quer na azeitona de mesa, quer na azeitona de azeite. No geral, a produção de azeitona de mesa será semelhante ao ano anterior. Na azeitona para azeite a colheita ainda decorre pelo que se manteve a estimativa do mês anterior (+10%), que poderá sofrer alterações após o fim das colheitas. Têm sido produzidos melhores azeites do que no ano anterior, reflexo da boa qualidade das azeitonas produzidas na presente campanha.

• Outros pomares

Nas zonas de transição, no Pinhal, a campanha do medronho ainda decorre nalgumas zonas, sobretudo viradas a norte. Nesta fase, o calibre é superior aos primeiros meses de colheita, já que as plantas já têm menos carga, além do fruto já ter beneficiado de períodos de precipitação. No geral, a quantidade de fruto, ainda que superior a 2024, não foi satisfatória para as pretensões dos produtores. Estimam-se mais algumas semanas de colheita, quer em medronhais plantados, quer em arbustos espontâneos.



6-f – Colheita das culturas arvenses de regadio, em particular o milho: como decorreu; sua produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade, condições de secagem e armazenamento.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, a colheita do arroz ainda decorre, estando muito atrasada em relação ao ano passado devido sobretudo à sementeira tardia, já que muitas deveriam ter-se iniciado em abril e só decorreram em maio/junho. Destaque para as situações em que as culturas ficaram totalmente submersas, tendo sido necessário recorrer a motobombas para retirar a água dos terrenos. As produtividades têm sido inferiores ao ano transacto.



• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do chícharo (leguminosa com alguma expressão na zona) viu condicionado o seu desenvolvimento, porquanto, para além da sementeira tardia, acresceram os picos de calor e a ausência de precipitação. Terrenos houve em que o agricultor descartou mesmo a colheita, por não ter havido desenvolvimento da planta.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, estas culturas mantiveram as áreas e apresentam um aspecto normal. As produtividades tanto do feijão como do grão de bico estimam-se idênticas ao ano anterior em ambas as zonas.

No Pinhal Sul, o feijão-frade foi semeado tarde, obtendo-se uma produção baixa causada pelo abortamento das flores, consequências das temperaturas muito elevadas na fase de floração. O agricultor pensava em não colher, mas reconsiderou e obteve uma produção muito baixa de sensivelmente 200 kg/ha. O grão de bico teve falhas de germinação e ataques de javalis, mas foi obtida uma produção de 400 kg/ha.

- **Milho**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita do milho grão ainda não terminou; as chuvas que caíram impediram em algumas zonas a sua colheita optando-se por esperar que o grão ficasse completamente seco para ser colhido. Alguns pequenos agricultores optaram por cultivar menor área, resultado da descida de preço no mercado nacional, que ronda os 0,20 €/kg.

No Baixo Mondego, ainda estão a decorrer as colheitas de milho para grão. As condições meteorológicas não têm permitido terminar as colheitas de milho, devido ao encharcamento dos solos. Nas últimas colheitas, o milho tem-se verificado de pior qualidade, observando-se grãos germinados com fungos e por vezes algumas toxinas. Os teores de humidade são mais elevados, o que provoca elevados custos de produção em especial na secagem do milho. Em geral, prevê-se uma diminuição na produtividade do milho grão em relação ao ano transacto.

No Pinhal Litoral, a colheita de milho-grão ainda não está concluída devido ao encharcamento dos solos provocado pela precipitação intensa. Até ao momento, apenas foram colhidos os milhos de ciclo mais curto e com produtividades mais baixas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os poucos agricultores que ainda semeiam alguns terrenos com milho, não tiveram sucesso com a cultura nesta campanha. A sementeira foi muito tardia devido ao excesso de água nos solos durante a primavera. Além de temperaturas relativamente baixas no início do ciclo, a ausência de precipitação na fase mais adiantada do ciclo cultural e o calor extremo, acentuaram o fraco desenvolvimento vegetativo. Alguns agricultores abdicaram da colheita, encaminhando a matéria verde para alimentação do gado. Nos milheirais que se mantiveram, a produção foi limitada, servindo mais para garantir semente para a próxima campanha do que para consumo.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as áreas de milho diminuíram. O milho está já colhido, e, apesar de não ter havido dificuldade em água para rega, as espigas estão mal cheias, talvez devido às grandes amplitudes térmicas diárias, frustrando-se a expectativa de um aumento de produtividade.



Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, a colheita do milho, ocorreu com normalidade. A produção do milho de regadio, tanto o híbrido como o regional, é idêntica face ao ano anterior. Não foram verificadas dificuldades quer na secagem, quer no armazenamento e a qualidade foi boa. De referir que a produção poderá ser comprometida com a destruição das plantações pelo ataque dos javalis.

No Pinhal Sul, o milho grão de regadio já colhido teve uma produção superior à do ano anterior.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, as culturas de regadio apresentam bom estado vegetativo. As colheitas decorreram normalmente esperando-se produção e qualidade razoável.

Na Serra da Estrela, o milho híbrido encontra-se totalmente colhido, com um acréscimo de produtividade face a 2024, de cerca de 10%, qualidade boa, assim como, as condições de armazenamento. Iniciaram-se as colheitas na Cova da Beira, mas pararam devido à chuva, estando apenas colhidos cerca de 25% do total. Com os dados disponíveis ainda não se pode calcular a produtividade média do milho na Cova da Beira.

Na Campina e Campo Albicastrense, no milho regadio (híbrido) baixou-se moderadamente a produtividade em virtude de algumas áreas com esta cultura terem sido afectadas pela sementeira mais tardia e pelo calor extremo do mês de agosto. Os javalis continuam a provocar prejuízos avultados no milho grão e no milho silagem.

7-a – Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspectivas de comercialização.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a produção de uva para vinho aumentou na ordem dos 10% e os mercados internacionais do vinho português, como o americano e o russo, influenciaram negativamente as vendas em milhões de euros com taxas aplicadas de 10% a 15%, obrigando os produtores à procura de novos mercados devido a quebras substanciais nas exportações.

No Baixo Mondego, as vindimas terminaram ainda no mês de setembro. O vinho produzido é de boa qualidade, sendo a quantidade inferior ao ano passado. As perspectivas de comercialização são boas.

No Pinhal Litoral, foram recebidas cerca de 500 toneladas de uvas na Adega Cooperativa da Batalha. O rendimento situou-se na ordem dos 70% e a qualidade da produção foi considerada boa. O vinho tinto apresenta um teor alcoólico de 12,78%, enquanto o vinho branco regista 13%. No que respeita à comercialização, a Adega Cooperativa foi recentemente integrada no Grupo Abegoaria, cujo mercado internacional representa cerca de 95% das vendas. Esta integração abre perspectivas de futuro muito animadoras dado que a adega passa a beneficiar da força comercial, capacidade logística e presença internacional de um grupo já consolidado no sector.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da vinha já terminou, encontrando-se o vinho a estagiar. A fase final do ciclo foi célere, com um amadurecimento rápido que obrigou alguns viticultores a antecipar a colheita. No geral, os viticultores indicaram maior quantidade de cachos face a 2024 (pese embora os inúmeros ataques de javalis), e boa qualidade fitossanitária.

Quer na Beira Serra quer no Alto Mondego, a produção e a qualidade das uvas foi bastante boa e as vindimas realizaram-se sem percalços. A qualidade do vinho perspectiva-se boa, no entanto a comercialização espera-se difícil.

No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões, as elevadas temperaturas e a reduzida humidade do solo provocaram casos pontuais de escaldão, desavinho e ataques de mildio. Na região do Alto Dão-Lafões, mais concretamente, na zona de Silgueiros, os incêndios ocorridos afetaram aproximadamente 2ha



de vinha. Verificou-se uma quebra de produção, na uva para vinho, de 10% no Alto Dão-Lafões, com produtores a ter quebras distintas entre 5 e 20% e o grau a variar entre 13 e 16º. No Baixo Dão-Lafões, a produção média teve uma quebra de 20%. A produtividade foi de 12,99 (hl/ha) no Alto Dão Lafões e de 11,55 (hl/ha) no Baixo Dão Lafões. As perspetivas de comercialização são positivas dada a reputação dos vinhos do Dão e a elevada qualidade da colheita.

No Pinhal Sul, a produção de vinho foi superior ao ano anterior. A qualidade também foi boa com um teor alcoólico médio cerca de 13.5º. Não há problemas de comercialização nem de escoamento do vinho.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, contrariamente ao que se esperava, foi um ano excecional para a produção de vinho, quer em grau quer em quantidade e qualidade. A título de curiosidade, a Adega de Pinhel atingiu um record de quantidade produzida, conseguindo quase 19 milhões de kg de uva que poderia ter sido superior não fosse a destruição provocada pelos incêndios. Em termos de grau alcoólico, a média ronda os 11,5º. A conjuntura aponta para dificuldades na comercialização.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, o funcionamento das adegas foi bom, dentro das produções de uva obtidas, dando origem a vinhos com qualidade. A desidratação das uvas levou a uma redução do rendimento da ordem dos 5-7%, relativamente ao rendimento padrão (65%).

Na Campina e Campo Albicastrense, as adegas são privadas e referem a produção de vinho de qualidade, para o qual contribuíram: a boa maturação das uvas e o seu elevado teor em açúcar. Diretamente proporcional à quantidade de uvas produzidas, a quantidade de vinho será menor comparativamente ao ano anterior. Algumas adegas, devido às boas perspetivas de comercialização, desejariam ter maior quantidade de uvas para vinificação.

ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)		
				01 a 30/11	01 a 30/11	Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Aguieira	24,2	17	18,4	5,8	11,6
		Anadia	Arcos	22,0	5	18,0	7,4	12,0
			Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	Poço Lobo	176,8	21	17,3	6,8	11,6
		Soure	Moinho de Almoxarife	283,0	25	18,0	8,7	12,6
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	277,2	24	18,4	8,6	13,1
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	274,2	27	18,2	9,3	13,3
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	302,6	25	18,2	7,9	12,9
		Pinhal Litoral	Batalha	Branças	273,6	20	17,9	7,7
	Leiria		Azóia	312,6	16	17,5	9,7	13,0
	Porto de Mós		Casal do Alho	-	-	-	-	-
			Alcaria	275,6	20	17,2	7,1	11,6
	Pombal		Abiul	-	-	-	-	-
Leiria	Regueira de Pontes		15,0	1	18,3	7,8	12,6	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	293,0	24	22,9	7,8	13,0
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	215,8	18	16,5	7,2	11,3
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	-	-	-	-	-
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	284,2	17	15,0	4,9	9,6
	Baixo Dão-	Tondela	Quinta das Tílias	325,8	19	17,0	7,1	11,3
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	198,6	15	16,0	5,7	10,4
		Sertã	Cernache	266,4	17	15,7	6,1	10,4
	Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	237,0	14	16,5	8,1	11,7
		Oleiros		287,0	15	14,2	5,8	9,6
	ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	124,2	17	16,3	5,2
Pinhel			Pinhel	164,2	18	14,6	3,4	8,6
Trancoso			Trancoso	250,4	16	16,6	9,0	12,9
Serra da Estrela		Celorico da Beira	Carvalheda	213,0	19	15,3	4,2	9,4
		Guarda	Relvas	222,6	14	15,5	5,5	10,0
Cimo Côa		Sabugal	Martim Rei	318,6	18	12,3	3,1	7,3
		Almeida	Almeida	125,8	15	13,1	5,1	8,9
Cova da Beira		Belmonte	Belmonte	234,2	16	15,2	4,1	9,4
		Covilhã	Lamaçais	253,8	15	16,0	4,0	9,6
		Fundão	Brejo	220,4	14	15,1	5,6	10,1
			Alcongosta	302,2	14	13,0	6,4	9,2
			Fadagosa	203,4	13	15,9	6,6	11,0
Campina e Campo		Idanha-a-Nova	Várzea	205,4	13	17,6	5,4	11,1
		Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	129,8	14	15,1	4,2	9,4

Fontes: ENMAP - D.G.A.V. - DUF.M.P.V.

*AROFHEM

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS																
28/11/2025																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				% ao NPA	Armazenamento út		Descargas nos últimos 7 dias			
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)		Vol. útil armaz. - hm3	%	Descarregador de Chelas	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,04	0,102	0,088	0,014	↑	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,55	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	683,60	1,494	1,436	0,058	↑	67,9%	1,444	67,9%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	143,63	0,946	0,747	0,199	↑	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,02	0,120	0,055	0,065	↑	100,0%	0,116	100,0%	sim	não	n.a.
Pinhel/ Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	574,10	3,232	3,105	0,127	↑	66,4%	3,049	66,4%	não	não	sim
Sabugal	Alfaíates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,01	0,854	0,854	0,000	↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,62	1,746	1,746	0,000	↔	100,0%	1,746	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/ Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	126,08	2,071	2,052	0,019	↑	53,2%	1,480	53,2%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,23	0,589	0,573	0,016	↑	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354			11,288	10,790	88,8%		10,193	73,1%			
OBSERVAÇÕES/OUTROS:																
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.																
Fonte: CCDRC/DIGRH																



WWW.CCDRC.PT

